

# Naquela noite não choveu lá fora, choveu dentro de mim: relato de composição e conjecturas acerca do teatro (auto)biográfico

Pedro Barsalini <sup>i</sup>

Juliana Alves Mota Drummond <sup>ii</sup>

Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ, São João del Rei/MG, Brasil <sup>iii</sup>

**Resumo - Naquela noite não choveu lá fora, choveu dentro de mim: relato de composição e conjecturas acerca do teatro (auto)biográfico**

Após vivenciar um forte processo de criação e interpretação cênica, disparado e centralizado na prática da escrita (auto)biográfica durante a disciplina ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Juliana Mota, o aluno de graduação em Teatro da Universidade Federal de São João del-Rei recorre à escrita de um relato como possibilidade de assentar e digerir o que lhe ocorreu ao longo do curso e da composição de seu trabalho final, intitulado *Ferrugem*. A vontade de verbalizar as transformações pessoais, a curiosidade em mapear os gatilhos psicológicos ressignificados em módulos estéticos e o júbilo em se reconhecer as possibilidades de sublimação da vida na arte são as sementes que germinaram a redação deste ensaio.

**Palavras-chave:** Relato. Autobiografia. Composição. Experiência. Ensaio.

**Abstract - That night it didn't rain outside, it rained inside me: composition report and conjectures about the autobiographical scene**

After experiencing a strong scenic creation and interpretation process, triggered and centered on the (auto)biographical writing practice in the course taught by the PhD teacher Juliana Mota, the undergraduate actor student at Federal University of de São João del-Rei resorts to writing a report as a possibility of settling down and digesting what happened to him along the classes and the composition of his final work, entitled *Ferrugem*. The desire to verbalize personal transformations, the curiosity to spot the psychological triggers re-signified in aesthetic modules and the joy in recognizing the possibilities of sublimating life in art are the seeds that germinated this essay.

**Keywords:** Report. Autobiography. Composition. Experience. Essay.

**Resumen - Naquela noche no llovió afuera, llovió dentro de mí: informe de composición y conjeturas acerca del teatro autobiográfico**

Después de vivir un fuerte proceso de creación e interpretación escénica, desencadenado y centrado en la práctica de la escritura (auto)biográfica en el curso impartido por la Maestra Doctora Juliana Mota, el estudiante de pregrado en Teatro por la Universidad Federal de São João del-Rei recurre a la redacción de un reportaje como posibilidad de asentarse y digerir lo que sucedió a lo largo de las clases y la composición de su obra final, titulada *Ferrugem*. El deseo de verbalizar las transformaciones personales, la curiosidad por detectar los desencadenantes psicológicos ressignificados en los módulos estéticos y la alegría de reconocer las posibilidades de sublimar la vida en el arte son las semillas que germinaron este ensayo.

**Palabras clave:** Informe. Autobiografía. Composición. Experiencia. Ensayo.

## Introdução

Este trabalho é a tentativa de um estudante de teatro da Universidade Federal de São João del-Rei em compreender o que aconteceu consigo durante uma intensa experiência de criação (auto)biográfica, disparada e orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Alves Mota Drummond, em sala, durante o segundo semestre disciplinar de 2022. A aula em questão é a aplicação prática e continuação das últimas pesquisas realizadas por Juliana, trabalhos que investigam possíveis elos entre arte, afetos, psicanálise e ciência e saúde da mente.

Escrever sobre o processo mostrou-se como possibilidade de relatar, analisar e reviver não só a construção de uma cena, mas de múltiplas histórias pessoais que se entrecruzam e nos revelam muito de nós mesmos, de quem somos, de porque somos e de como estamos nos relacionando com o mundo. O relato aqui apresentado propõe-se a escancarar a intimidade entre arte e vida expondo, sob uma perspectiva pessoal, como o caminho da (auto)biografia pode ser excruciante mas transformador. Apesar de uma experiência *sui generis*, a escrita deste texto pretende também servir de incentivo para os artistas que eventualmente - e entende-se bem as razões - possam apresentar resistência aos processos artísticos (auto)biográficos, principalmente os que sustentam-se sobre o abeiramento entre teatro e psicanálise.

Quando conseguimos alcançar um estado de entrega aos processos criativos, a vivência amplifica-se em potência artística latente, uma condição de vida pungente e urgente de ser e estar. São nesses decursos que o teatro cumpre, em nosso entendimento, um de seus papéis fundamentais: reverberar a vida, deglutir e digerir os sentimentos, transformar as micro e macro relações humanas.

Após as aulas, voltando para casa com alguns colegas da faculdade, conversávamos sobre a disciplina 'escrita (auto)biográfica', ministrada pela professora Juliana Mota naquele semestre. Era evidente a dificuldade do grupo com a proposta do componente curricular, mesmo com os textos de apoio.

Apesar das conversas e das práticas que fazíamos em aula, nenhum de nós tinha a clareza de como criar uma cena a partir de nossas próprias memórias, vivências e histórias.

Meu primeiro conflito foi tentar compreender o que não seria (auto)biográfico, tratando-se de autoralidade artística; afinal, tudo aquilo que alguém é capaz de criar no âmbito artístico me parece (auto)biográfico, uma vez que a criação passa pela subjetividade e, conseqüentemente,

manifesta em si diversos aspectos de seu criador, revelando-se em alguma medida uma obra (auto)biográfica. Encontrava-me preso a esse raciocínio.

Por ser compositor de canções, sempre adicionei um pouco (muito) de mim naquilo que escrevo. Encontrei, no equilíbrio entre melodia e poesia, uma forma de me expressar, me reconhecer e me colocar no mundo. Até mesmo quando o mote da canção é acontecimento ou fator externo, os mundos de fora e de dentro se confundem nas composições. Sabia que já havia feito arte (auto)biográfica mas, como fazê-la de outra maneira que não fosse escrevendo uma canção? Como criar, enquanto ator, coisa que revelasse algo de mim? Não seria o ator aquele que pode ser outrem e viver vida alheia? Essas reflexões me perturbavam.

Procurei conversar em particular com a professora e, quando a aula terminava, tomava seu tempo para tentar me desvencilhar dos obstáculos primários. Ao ouvi-la replicar diretamente minhas dúvidas, fui aos poucos compreendendo, pelo menos em teoria, o que se buscava nessa pesquisa teatral em que mergulhávamos.<sup>1</sup>

Nesse tipo de teatro - que parte da escrita (auto)biográfica - não há personagem a ser interpretado, e o trabalho do ator acaba sendo completamente diferente, pois é ele quem deve escrever o texto e criar a cena, baseado em sua própria história. Porém, existe uma ferramenta, uma 'licença poética' que permite ao artista criar para além daquilo que de fato ocorreu em sua vida, resultando em uma cena que mistura ficção, fantasia e acontecimentos biográficos factuais.

Naturalmente é assim que nossas memórias funcionam: criamos para preencher as lacunas daquilo que somos capazes de lembrar, inventamos para não lidarmos com a incompletude das memórias evasivas e efêmeras. Sigmund Freud fala sobre esse processo psíquico em *Fundamentos da clínica psicanalítica*.

Aqui acontece com bastante frequência que se “lembre” algo que nunca poderia ter sido “esquecido”, porque não foi percebido em nenhum momento, nunca esteve consciente e, além disso, parece ser totalmente indiferente para o percurso psíquico se tal “conexão” foi consciente e depois esquecida, ou se nunca chegou à consciência. A convicção que o paciente adquire ao longo da análise é totalmente independente de tal lembrança (Freud, 2021, p. 153).

Trata-se de um mecanismo do cérebro humano, e o que torna o teatro (auto)biográfico interessante é justamente a mistura entre fato e fábula, pois o público se põe a tentar desvendar tal enigma. Conceição Evaristo também evidencia esse tipo de fabulação nas escritas chamadas

---

<sup>1</sup> “A (auto)biografia enquanto recurso para a escrita e criação cênica. Discussão de tópicos como: escrita e oralidade, fato e ficção, experiência e representação.” - ementa do componente curricular *Teorias e métodos de atuação cênica - a escrita (auto)biográfica e a cena teatral*, retirado do site <https://ufsj.edu.br/teatro/disciplinas-planos-de-ensino.php>

por ela de “escrevivências”, correlato que pode contribuir para o que estamos aqui buscando sustentar.

Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (Evaristo, 2016, p. 07).

Em determinada altura do curso, Juliana nos sugeriu uma frase disparadora para o início do processo de criação textual, uma singela pergunta que pode trazer as mais complexas respostas: *e se acaso o amor viesse me tocar?*.

Se eu havia conseguido superar a dúvida sobre que tipo de (auto)biografia estávamos buscando, vi-me então numa situação ainda mais difícil, pois a ideia era que, mediante aquela frase, pudéssemos buscar em nós episódios íntimos, profundos e repletos de poética. Passei dias pensando de que maneira utilizar essa frase como ponto de partida, procurando um desenlace através de sensações, emoções, soluções lógicas... nada encontrava (sei, ao menos, dizer o que é amor?). Passada uma semana, havia chegado o dia em que deveríamos levar um tipo de produção textual, o ponto de partida para o processo criativo de cada uma das alunas e dos alunos. Meus colegas então puseram-se a ler seus excertos, compartilhando suas primeiras escritas - alguns já tinham produzido vastas páginas a partir do tema proposto. Eu não havia conseguido escrever uma palavra sequer; estava perdido, tentando encontrar uma resposta para *e se acaso o amor viesse me tocar?*.

Sem nenhum lampejo de criatividade, não sabia como colocar em prática minha escrita (auto)biográfica e senti-me envergonhado, pensando que minha vida estava vazia, fria, que não encontrava significado para a palavra ‘amor’. Acabei cantando uma música composta por Djavan<sup>2</sup> e Orlando Morais<sup>3</sup>, chamada *A rota do indivíduo*. Essa canção me acompanhava há muito tempo, atravessou-me profundamente desde a primeira vez em que a ouvi e, desde esse momento, tomei-a para mim como se fosse parte da minha própria jornada, como se a rota fosse minha e o indivíduo fosse eu mesmo. Junto dela, entre suas estrofes, encaixei uma poesia que escrevi há muitos anos durante uma viagem pelo Centro-Oeste brasileiro<sup>4</sup>, viagem essa em que passei por

<sup>2</sup> Djavan Caetano Viana, músico alagoano.

<sup>3</sup> Orlando de Morais Filho, músico goiano.

<sup>4</sup> Locais visitados: Chapada dos Guimarães (MT), Chapada dos Veadeiros (GO), Parque Estadual Terra Ronca (GO).

locais onde o suntuoso bioma do cerrado me afetou intensamente, e essas impressões me serviram de inspiração para escrever.

*A Rota do Indivíduo*

Mera luz que invade a tarde cinzenta  
e algumas folhas deitam sobre a estrada.  
O frio é o agasalho que esquenta  
o coração gelado quando venta  
movendo a água abandonada.  
Restos de sonhos sobre um novo dia  
amores nos vagões, vagões nos trilhos  
parece que quem parte é a ferrovia  
que mesmo não te vendo, te vigia  
como mãe, como mãe  
que dorme olhando os filhos  
com os olhos na estrada.  
E no mistério solitário da penugem  
vê-se a vida correndo, parada  
como se não existisse chegada  
na tarde distante  
ferrugem ou nada (Viana, Djavan Caetano; Filho, Orlando de Moraes. 1991).

*Corpoeira*

A pico seco, sol do cerrado  
a essa hora, carne  
corpo  
pelo  
pele,  
tudo tem cor de urucum.  
No espelho d'água, reflexo gelado  
me vejo no rio e dói doído,  
amarra  
feito banana verde na boca,  
condição pueril de matéria macenta.  
Do barro veio, pro barro volta  
pesa, pedra esculpida  
prende a alma, miséria de vida!  
parece que a mente cai  
tropeça em cada ruga do coro,  
e de lá custa a sair (poema do autor, 2015).

O que esses materiais tinham a ver com o tema disparador? Não faço a menor ideia; talvez nada. De qualquer forma, particularmente achava que as poesias dialogavam entre si e preferi compartilhar isso do que coisa nenhuma. “Não demore tanto para começar a cantar, não dê uma pausa tão longa para começar sua atuação. A arte e a vida estão mais próximas do que você faz parecer e não há essa distância toda entre uma coisa e outra. Estamos aqui, conversando, tendo uma aula e, num piscar de olhos, já posso estar encenando ou interpretando uma canção. A pausa que você dá para começar é muito longa”, foram alguns dos apontamentos que me recordo de ter ouvido da professora.

Colocar em prática esses ensinamentos é dos desafios mais complexos para mim, talvez porque minhas ideias sobre a vida e a arte sejam ainda muito limitadas, ou talvez porque a ponte que construí entre uma coisa e outra apresente-se suntuosa e monumental, dessas que afastam as margens, mesmo quando a serventia de uma ponte deveria ser a de unir os dois extremos. Tal capacidade de relacionar realidade e criação artística é de uma sabedoria sem tamanho, blinda o ator de se ferir com aquilo com que pretende trabalhar, pois ameniza a modulação de tempo/espço proposta pela arte performática, tornando o ato mais próximo do cotidiano. Estamos habituados com o cotidiano.

O semestre avançava e com ele as cenas dos meus colegas. Quanto a mim, continuava num purgatório criativo, vagando sem saber para onde ir ou que caminho tomar. Passei a elucubrar sobre a finalidade da minha arte, e esses pensamentos travaram mais uma vez meu processo. Nunca fiz arte para mim mesmo, sempre para os outros, pois acredito que ser artista é, antes de tudo, um gesto de generosidade num mundo de desamor. Mas como poderia uma cena (auto)biográfica tocar pessoas que sequer me conhecem? Por que servir-me de toda a elevação das capacidades comunicativas do teatro para falar sobre mim? Precisava encontrar um elo capaz de amalgamar a narrativa da minha vida com a de outras pessoas, estava na busca por um ponto de identificação e sabia que a pergunta *e se acaso o amor viesse me tocar?* proporcionava isso, porém era eu quem não me identificava com ela.

Os colegas mais próximos mantinham diálogos constantes sobre o andamento da disciplina, principalmente sobre as dificuldades de cada um. Sabiam que eu não estava conseguindo me entregar à proposta de trabalho, diziam-me que era difícil fazer ligações entre o que eu compartilhava em aula e a pergunta que deveria reger nossas cenas, ainda mais difícil encontrar o quê de autobiográfico havia nas minhas apresentações. Numa dessas conversas, uma colega de curso disse-nos, por acaso, que por falta de energia em casa ela teve de esquentar água no fogão e banhar-se usando uma caneca durante alguns dias naquela semana.

Ao ouvir esse relato, acometeu-me a típica euforia que sinto quando reconheço potencial contido em um mote criativo, e isso porque ‘banho de canequinha’ é, de fato, um excelente ponto de identificação. Se você reside no Brasil, onde a maioria dos chuveiros é elétrico, já deve ter passado por essa situação. A imagem da água quente num balde, despejada no corpo, aos poucos, por uma caneca, despertou-me para memórias profundas, um caminho aberto a episódios abissais da minha vida.

Quando criança, fui cuidado e criado pelas avós e em toda a vaga lembrança que tenho de um ‘banho de canequinha’, estou na companhia de alguma delas. Fui afetado por sensações tremendas. Não tive mais dúvidas: era a partir disso que iria desenvolver minha cena, era com essas lembranças que eu precisava me relacionar.

O amor me tocou pela primeira vez durante o processo, mas eu ainda não sabia.



Imagem I: registro da apresentação de *Ferrugem* no Festival de Inverno UFOP 2023.

Tratei então de desenvolver o trabalho, tendo como ação central um ‘banho de canequinha’, e a atmosfera foi surgindo naturalmente, pois a ambientação que criei pautou-se na verossimilhança dos acontecimentos de minha infância. Somente a falta de energia elétrica poderia justificar um banho improvisado daquele e, se não há energia elétrica, a fonte de luz alternativa seria a chama de uma vela. O fogo não tem grande capacidade de iluminação - na verdade esse tipo de luz ressalta o breu - o que seria interessante, já que a ação central da cena é um banho e aquele que se banha deve se despír. A luz proveniente de uma única vela seria suficiente para revelar visualmente ao público apenas aquilo que importa ser visto, evitando que o corpo nu fosse algo de pedante. Mas quem estaria tomando aquele banho, afinal?



Dei-me conta de que sim, esse tipo de teatro pode pressupor interpretação de personagem, e o personagem que encontrei era o ‘eu’ do passado, o ‘euzinho’ de uma infância distante. A criança estaria a banhar-se sob os cuidados da avó, mas quem interpretaria a avó, uma vez que a cena deveria ser um solo?

Nesse ponto o realismo da cena fez uma grande curva, seguiu o caminho do fantástico, posto que uma possibilidade de materializar a presença da personagem ‘avó’ seria atribuir esse papel à própria vela. Penso que os preceitos da simbologia não permitiriam outra escolha, e posso explicar o porquê. No escuro, sozinha, a criança encontra-se desamparada, mas a chama da vela lhe permite minimamente enxergar ao seu redor, e traz-lhe alguma segurança. Esse fogo, além de ser um ponto de luz, é também uma fagulha de quentura, uma pequena redoma de proteção que pode guiar os passos daquele que a segura, espantando os monstros que se escondem na penumbra. Ainda, velas são objetos utilizados nas mais diversas práticas religiosas, funcionando como dispositivos que conectam materialidade e espiritualidade, permitindo interlocução transcendental entre o presente, o passado e o futuro. Tal carga simbólica das velas está culturalmente solidificada em nós.

Tenho pra mim que as avós também são a personificação disso tudo: protegem, aquecem, iluminam, ensinam e abrem possibilidades de diálogo com o passado, na perspectiva de construção de um futuro. A ideia estava provida de personagens e ambientação, porém o que faltava era um motivo, um conflito que gerasse a necessidade de movimentos dramáticos. O que poderia justificar aquela situação? Mais uma vez as memórias serviram-me de respostas. A presença da avó, na minha infância, era desencadeada pela ausência da mãe, e seria exatamente esse o argumento da cena, substanciado por uma indagação inocente e desesperada: “Vó, cadê a minha mãe?”.

Inevitavelmente fui conduzido a fazer um paralelo com o presente, visto que resido há seiscentos quilômetros de distância da minha filha de três anos de idade, e ela frequentemente questiona minha ausência. Ao aprofundar-me em lembranças da infância, percebi o quanto de minha história estava se repetindo na vida da minha filha - dificilmente meu trabalho (auto)biográfico não refletiria a biografia dela também. O personagem da cena já não era somente ‘o eu’ de vinte e tantos anos atrás, mas uma criança terceira, resultante da combinação entre nós dois: afinal, minha filha era a referência infantil de que eu dispunha.

O amor me tocou pela segunda vez durante o processo, mas eu ainda não sabia.





Imagem 2: registro da apresentação de *Ferrugem* no Festival de Inverno UFOP 2023.

Acredito que atores e atrizes estão acostumados à exposição; afinal, faz parte de nosso ofício passarmos por incontáveis e variadas situações em que ficamos expostos, mas, na maioria das vezes, estamos protegidos pelo papel que interpretamos. De grosso modo, nossa humanidade não é exibida ao público, mas sim a de um personagem. No teatro (auto)biográfico não, a exposição do artista é multiplicada, pois é o íntimo do ator que se revela por meio de sua própria encenação. Ficamos duplamente nus. Janaína Leite, atriz e pesquisadora engajada no estudo e criação (auto)biográfica, escreve em artigo afirmações que, certamente, reforçam a questão aqui apontada sobre exposição.

Empenhei-me em cercar a ideia de representação autobiográfica, que nada mais é, ao fim e ao cabo, a tentativa de figurar a experiência vivida, sentida, sofrida. E, com toda a margem ampla de criação, invenção, deturpação contida nesse gesto, posso entender hoje que, nas experiências criativas em que me vi engajada, a ideia de autobiografia se justificou porque, do ponto de vista estético mas também ético, a representação manteve sempre a tensão com o referencial real que a motivou (Leite, 2014. p. 155).

É difícil expressar a complexidade psicológica de lidar com tudo isso, e entendo o motivo de tantos colegas terem abandonado a disciplina durante o semestre.

Deixei a canção-poesia de lado e, na aula seguinte, apresentei o novo material que havia composto. O parecer de Juliana foi que aquilo que eu mostrara estava pronto - enfim, tive a

impressão de estar num caminho produtivo - mas era preciso ir além. Por um momento achei que isso seria mais um grande desafio, que seria uma enorme prova de superação cavucar mais a fundo questões do passado e, na verdade, não foi. Finalmente havia compreendido e interiorizado os caminhos a serem trilhados na composição autobiográfica, como se tivesse desemperrado uma porta para um jardim de íntimas diversidades, e rapidamente soube quais flores iria colher para montar o buquê.

Revisitei um velho episódio, um acontecimento traumático de que tenho vívidas sensações, pois quando me lembro dele tenho a impressão de sentir a angústia, o medo, a raiva, o aperto no peito, a disritmia no coração, a alteração na respiração, a queda de pressão e a visão borrada justamente como foi na ocasião. Mas, como já sabemos, a memória é viva e jamais terei certeza de que as coisas aconteceram de fato como me lembro delas.

O episódio remonta novamente à minha infância, na casa de meus avós maternos e, dessa vez, minha mãe estava presente. Em dado momento o meu avô sentiu-se ofendido, desrespeitado por algum motivo e pôs-se a agir de forma violenta com a filha, aparentemente culpada por seu descontentamento. Apontou-lhe uma pistola. Me coloquei na frente da mira e gritei em protesto, defendendo minha mãe. Eu devia ter cerca de quatro anos de idade, portanto minha reação não poderia se resumir ao plano da razão, mas também não foi puramente instintiva, sendo resultado de uma mistura precisa dos dois ingredientes. Não foi difícil encontrar ligação entre essa memória perturbadora e o que já estava sendo tratado, permitindo a inclusão dessa lembrança como uma segunda parte após o 'banho de canequinha'. Quando enfrentar traumas torna-se necessidade urgente, facilmente encontramos maneiras de lidar com eles, interna e externamente; é uma questão de sobrevivência.

O ápice do conflito na cena tornou-se justamente o momento em que me coloco entre a arma e aquela que me permitiu existir, entre a iminência da morte e a fonte da vida, e o grito "Não faz isso com a minha mãe!" não é uma súplica particular, é o clamor de tantos outros que viveram ou vivem a violência doméstica familiar, sendo esse mais um elo de identificação.

Independente do que compartilhei aqui e do que exponho em cena, esse avô materno tornou-se um homem por quem cultivo afeto paternal, amizade verdadeira e um sem-fim de excelentes recordações. As questões que levaram esse episódio para o trabalho autobiográfico, há muito já não diziam respeito a ele e nem à nossa relação; apenas sobre os nós dentro de mim.

Com a primeira e a segunda parte da cena estabelecidas, a canção-poesia de semanas anteriores passou a fazer sentido e a ter concordância com tudo. O conteúdo poético do texto, a

atmosfera sonora e a carga emotiva da interpretação, colocam a voz cantada no mesmo patamar dramático que a encenação, revelando-se um desfecho que não objetiva encontrar soluções lógicas para os pontos conflituosos abordados em cena, mas propõe-se a sintetizar, em âmbito afetivo, os acontecimentos de um passado que se faz presente no subconsciente do autor. A cena (auto)biográfica construída a duras penas, finalmente tinha começo, meio e fim.

Na aula seguinte encenei tudo o que tinha planejado e, desse dia em diante, os apontamentos de Juliana passaram a ser puramente técnicos - pois a escrita tinha alcançado o seu propósito - e meus ensaios em aula também tornaram-se primordialmente técnicos. Essa era a maneira inconsciente que encontrei para me afastar emocionalmente do trabalho.

O amor me tocou pela terceira vez durante o processo, mas eu ainda não sabia.



Imagem 3: registro da apresentação de *Ferrugem* no Festival de Inverno UFOP 2023.

Algumas semanas depois, fui à Campinas (SP) para visitar a família, resolver assuntos de trabalho, encontrar velhos amigos e, costumeiramente, fiquei na casa dos meus avós maternos. Ninguém sabia que eu estava criando baseado em memórias longínquas que envolviam aquela residência e aquelas pessoas, não havia razão para saberem.

Na última noite de minha passagem por lá, já com as malas feitas para voltar à São João del-Rei (MG), meu avô teve um AVC na minha frente. Aos poucos sua fala foi ficando mais e mais ininteligível, seus movimentos mais e mais comprometidos, seu olhar mais e mais distante. Chamamos a ambulância, abri espaço na casa para os socorristas entrarem o mais rápido possível e aguardamos angustiados. Foram os quarenta minutos mais longos da minha vida e a última vez que vi seus olhos, que já se despediam ao cruzar com os meus.

Lidar com a disciplina, as aulas, encontros e ensaios tornou-se extremamente desconfortável - afinal, eu estava semanalmente encenando e dando vida para acontecimentos distantes que envolviam alguém em estado de coma. Mantive o trabalho movido pelo respeito ao teatro e porque, bem lá no fundo, sabia que aquilo poderia reverberar positivamente em mim.

Durante o mês seguinte, passei todos os finais de semana indo e voltando de São João del-Rei para a Campinas a fim de visitar meu avô na UTI e estar próximo à família. Todos nós sofriamos muito, mas eu não chorava. Em seu enterro também não chorei: algo impedia-me de processar emocionalmente o ocorrido.

O verão chegou e com ele as fortes e ininterruptas chuvas dos trópicos. Nos aproximávamos do fim do semestre e os preparativos para a apresentação final estavam a todo vapor. Dali a uma semana faríamos a mostra aberta ao público no Centro Cultural da UFSJ, bem no coração da cidade, portanto tínhamos mais uma aula para ajustar tudo o que fosse necessário em cada uma das cenas. A essa altura eu estava seguro com o trabalho, pratiquei algumas vezes e realizei as melhorias sugeridas. Tinha para mim que a última aula seria apenas mais um ensaio técnico. Preparei o material cenográfico, vesti o figurino e iniciei a encenação.

Enquanto atuava, algo diferente acontecia dentro de mim: um turbilhão de diversificadas emoções brincava com meus afetos. Sentia raiva, medo, tristeza, alegria... um balé de cores em minha tela interior. Aquelas sensações reverberavam externamente, influenciavam a interpretação, e em alguns momentos achei que não fosse conseguir chegar ao final; pensei em interromper o ato, mas uma colossal trilha sonora - que só eu ouvia - não deixava a dança parar. Quando terminei, ao invés das costumeiras palmas dos colegas que assistiam aos ensaios, ou da voz da professora Juliana proferindo correções, ouvia-se um profundo e duradouro silêncio. Desabei a chorar.

Naquela noite não choveu lá fora, choveu dentro de mim.

O amor me tocou pela quarta vez durante o processo, e agora eu sabia.

09/11/2022

Texto	Ação	Luz / Som
		B. O.
		Som de chuva
Vó?		
Vó?!		— u —
Ô vô?!!		
	Acende uma vela com fósforo e encara a chama de uma distância bem próxima	luz de uma única vela segue som de chuva
Eu quero a minha mãe! Ela tá lá fora, na chuva? Cadê a minha mãe, vô? Que horas ela chega? Amanhã? Mas a senhora me disse isso ontem...?	tala prostrado no chão, olhando de perto a chama como se o fôss fosse seu interlocutor	luz da vela Som de água borbulhando
	Pega a vela em uma das mãos, na outra um barquinho de plástico que se en- contra no chão. Caminha cobisbaixo até outro lugar da cena, onde está um balde com água, uma cadeira com um roupão pendu- rado e uma panela apoiada no assento.	luz da vela Som de água borbulhando
Minha mãe não vai dar banho em mim (cho- rando)	Apoia a vela no assento. Coga o barquinho no balde. Se despe.	luz da vela Som de vento



Imagem 4: anotações e estudos do autor



09/11/2022

Texto	Ação	Luz/Som
	Começa a se banhar	luz de vela Silêncio
Tá caindo água do teto, vó! Tá chovendo aqui dentro!	Banhando-se	luz de vela silêncio
	Olheinho segura a vela e caminha até o outro lado da casa. Sobe em um banco e apia-se no parapeito de uma janela imaginária.	luz da vela Som de chuva
Olha, vó: A chuva é o banho da vovó, né? Mas esqueceram de esquecer o banho da vovó... (pondo a mão pra fora) Que gelado!	Olhando pra fora Interagindo com as gotas de chuva.	— w
	Volta para o local do banho. Apia a vela no assento da cadeira.	— w
Toma, vó. É pra deixar o banho da vovó maisquentinho. Não quero que a minha mãe tome o banho gelado da vovó! ha, ha, ha!	Mergulha a caneca no balde e a estende em direção à vela.	Luz da vela Som de vento
(Espregalha)	Brinca com a água Diverte-se Rola no chão molhado	luz da vela Silêncio



Imagem 5: anotações e estudos do autor.

Passada a criação e apresentação de *Ferrugem*, tenho respostas para algumas das escolhas que fiz durante o processo, e esse texto é a concretização disso. Enquanto estava imerso no trabalho, essa consciência não existia; tentei seguir a intuição artística e a inteligência emocional e afetiva, além do que é sempre mais difícil enxergar as coisas estando próximo a elas. O olhar 'de fora' é propício para se ter a clareza sobre os aspectos de uma obra artística que vem 'de dentro'. Estarrecido, eu tinha sido atravessado por uma performance que transcendera os predicados estéticos e técnicos: acredito ter viabilizado uma manifestação humana capaz de materializar metamorfose interior em afeto, e comuniquei isso artisticamente. Era como se meu corpo houvesse finalmente digerido tudo o que acontecera e tudo o que estava acontecendo, libertando-me de amarras psicológicas. O filho que sente a falta da mãe e a protege quando em perigo; o pai que se culpa por estar longe da filha; o neto que ama o avô mas que carrega um trauma relacionado a ele, todos esses eus reconheceram-se como partes de um único ser que já não considera a culpa, remorso ou dívida, mas que valorizou - ainda que apenas durante o instante fugaz de uma cena - a existência e a beleza da vida acima de qualquer coisa.

Hoje compreendo que a catarse não é um privilégio apenas do público, mas uma possibilidade de transformação pessoal para o ator que, em cena, consegue atingi-la.

*Em memória de meu avô, de quem sinto saudade.*

## Referências

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Segunda ed. Rio de Janeiro: Editora Malê. 2016.

FREUD, Sigmund. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Segunda ed. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

LEITE, Janaína. *Três tentativas de dizer o indizível: a experiência de criação de Conversas com meu pai*. Sala Preta [S. L.]. USP, v14, n 2 14(2), p. 153-163, Dezembro 2014.



Relato recebido em 04/09/2023 e aprovado em 21/12/2023.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v4i02.50693>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

---

<sup>i</sup> Pedro Barsalini - é Bacharel em Música Popular com habilitação em Voz pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), título conferido em 2020. Em 2022, ingressou na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), onde está realizando graduação de Bacharelado em Teatro. É integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Casa Aberta (DEACE-UFSJ), onde realiza diversas ações, englobando eventos acadêmicos, criações artísticas e pesquisas teórico-práticas na área das artes performáticas. [pecruz.03@aluno.ufsj.edu.br](mailto:pecruz.03@aluno.ufsj.edu.br).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2861389408819481>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2410-6941>

<sup>ii</sup> Juliana Alves Mota Drummond - é atriz, cantora, diretora, relações públicas e psicanalista em formação. Professora do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFSJ e do Curso de Graduação em Teatro da mesma instituição. Líder do grupo de pesquisa e programa de extensão CASA ABERTA. Doutora com a tese intitulada “Marcas deles em mim: memória, música e formação do ator” pela UFMG (2012) sob orientação de Antônio Hidebrando. Em 2014 realizou pós-doutorado na Università degli Studi di Messina, Itália, com pesquisa na área de saúde do artista cênico intitulada “Caminhos da Medicina da Arte: Diálogos entre Itália e Brasil”. Em 2020 realizou pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais na área de Literatura com pesquisa intitulada “Os afetos musicais, a individuação e as contas de lágrimas que colhemos pelo caminho?” sob supervisão de Marcos Alexandre. Possui bacharelado em Interpretação Teatral pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005) e em Relações Públicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2004). Mestrado em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) com dissertação intitulada: “Para aprender à observar: em busca de uma atuação polifônica”. É professora da Universidade Federal de São João Del-Rei atuando nas áreas de Interpretação, Voz e Musicalidade. Foi sub-chefe do Departamento de Artes da Cena da UFSJ em 2018 e chefe do Departamento de Letras, Artes e Cultura da UFSJ entre 2015 e 2017. Atua como líder do grupo de pesquisa registrado no CNPq CASA ABERTA: Memória, Música e Formação do Ator com trabalhos desenvolvidos nas áreas “treinamento vocal do ator”, “teatro musical brasileiro” e “voz e tradição”. Já realizou residências artísticas na Itália, República Tcheca, Estados Unidos, e Rússia. Organizadora do I, II, III, IV, V e VI Seminário Internacional CASA ABERTA, da I, II, III, IV, V e VI Missão de divulgação de pesquisas do CASA ABERTA no Exterior e incentivadora dos processos de internacionalização e da interdisciplinaridade dentro da instituição de ensino superior onde atua. Entre os trabalhos de maior destaque temos os livros publicados: Pequeno Mapa de Encontros e Afetos (2015), Marcas deles em Mim: Memória, Música e Formação do Ator (2015), Pequeno Mapa de Encontros e Afetos ? Vol 2 (2020) e Insubmissa: Escritas para o fim de um mundo (2020). Entre os artigos mais relevantes produzem-se os artigos Voz e presença: a utilização dos arquétipos sonoros no trabalho do ator (2017); Caminhos da escuta: presença sonora e escuridão (2017) e A construção da paisagem mental em Motriz: a hipótese de um teatro hipnótico (2017). Entre os espetáculos produzidos em seu grupo de pesquisa destacam-se Motriz (2016) com circulação expressiva dentro e fora do Brasil; além de Quintal e Olhos d’água construídos em diálogo com a obra de Conceição Evaristo. [julianamota@ufsj.edu.br](mailto:julianamota@ufsj.edu.br).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8338462028975092>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2637-7597>

<sup>iii</sup> This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

